Capítulo 21

O POTENCIAL DIDÁCTICO DA GENEALOGIA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO HISTÓRICA DOS ALUNOS DE 1.º E 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO[1]

Fernanda Ramos, Glória Solé

(Universidade do Minho, Portugal)

Introdução

O presente trabalho visa apresentar o estudo desenvolvido em contexto de intervenção pedagógica supervisionada no âmbito do mestrado profissionalizante em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, pela Universidade do Minho. Este foi desenvolvido em duas turmas de duas escolas urbanas do concelho de Braga (Portugal): primeiro, numa turma do 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, e, posteriormente, numa turma do 5.º ano do 2.º ciclo do ensino básico. A investigação inerente a esta intervenção pretendeu, fundamentalmente, compreender de que forma a utilização das genealogias como recurso didático pode contribuir para o desenvolvimento da compreensão do passado mais próximo (pessoal e familiar) ou distante (nacional) dos alunos, estando, aqui,

[1] Este trabalho teve o apoio do CIEd- Centro de Investigação em Educação, no âmbito do projeto UID/CED/1661/2013 e UID/CED/1661/2016, Instituto de Educação, Universidade do Minho, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT.
Este trabalho está integrado no projecto de investigação «La evaluación de las competencias y el desarrollo de capacidades cognitivas sobre historia en Educación Secundaria Obligatoria» (EDU2015- 65621-C3-2-R), financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad (Espanha).

indubitavelmente fondeado o desenvolvimento da compreensão temporal e a construção da identidade.

Para alcançar os objetivos de investigação propostos, pretendeu-se equacionar a interligação entre algum suporte teórico de referência (Araújo e Stoer, 1993; Carvalho e Freitas, 2010; Cooper, 2002; Rüsen, 2016; Steel e Taylor, 1973; Solé, 2005, 2009; Vianez, 1995; Zonabend, 1991), que prevê e atesta a relevância da estruturação de uma prática pedagógica orientada para a utilização das genealogias ou de outras estratégias suscetíveis de articulação com a primeira, e a prática vivenciada em contexto pedagógico.

A utilização do recurso pedagógico central de desenvolvimento do projeto de investigação pedagógica - a genealogia – viabilizou, desde logo, a possiblidade de usufruir de uma metodologia orientada para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem capaz de assumir os alunos como agentes construtores da sua própria aprendizagem, desde logo, porque se torna claro o envolvimento intrínseco dos alunos nas tarefas que envolvem a sua exploração. Como explicam Steel e Taylor (1973), relativamente à abordagem à História da Família, "a sua introdução fornece um tipo de investigação que é, ao mesmo tempo, relevante, já que começa com a vida da própria criança e os seus interesses, e abrangente, porque diz respeito a um período de tempo e de extensão que pode ser facilmente apreendido" (p. 6).

Esta centralidade no indivíduo, no seu passado, memórias e contexto de vida, que está manifesto no desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem orientado para o uso das genealogías, acaba por propiciar o desenvolvimento de atitudes de valorização de si mesmo e do contexto social em que o aluno está inserido, a partir da descoberta do seu passado pessoal, familiar e nacional (Solé, 2009).

Desta forma, o desenvolvimento da identidade e temporalidade, evocado pela genealogia, acaba por acentuar a sua radicação na consciência histórica, definida por Karl-Ernest (1985), citado por Rüsen (2016), como a "inter-relação entre a interpretação do passado, a compreensão do presente e a perspetivação do futuro" (p. 60). De facto, a construção da identidade do indivíduo emerge como resultado desta mesma vinculação entre estas dimensões temporais, já que a sua

construção, como explicam Manique e Proença (1994), resulta "do conhecimento da forma como os grupos sociais de pertença viveram e se organizaram no passado, (…) da forma como se estruturam para fazer face aos problemas do presente, tendo uma componente que aponta para o futuro (…)" (p.24).

Tendo em conta as potencialidades oferecidas pela utilização das genealogias em contexto pedagógico, é de prever a possibilidade de resposta à emergente necessidade de assumir o ensino e aprendizagem da História como uma plataforma propiciadora de desenvolvimento de uma efetiva compreensão histórica, onde imperam capacidades inerentes à estruturação do pensamento histórico: a) a compreensão das mudanças que se operam ao longo do tempo; b) a capacidade de realizar deduções e inferências a partir de fontes; c) a capacidade de produzir relatos e interpretações do que ocorreu no passado. (Cooper, 1995). Assim, exclui-se a asserção de que o ensino da História se remete meramente para a aquisição de conhecimento histórico por parte dos alunos, assumindo-se, frequentemente, como ponto de partida, uma perspetiva de ensino e aprendizagem que favorece a exposição, explicação e memorização de conteúdos.

Através dos dados recolhidos a partir de vários instrumentos (ficha diagnóstica; tarefas de papel e lápis; registos de observação e diários de aula) e posteriormente analisados de forma indutiva, o estudo permitiu atestar a potencialidade que a utilização das genealogias apresenta ao nível do desenvolvimento da consciência histórica, a qual reivindica, por um lado, a formação da compreensão temporal, e, por outro, o desenvolvimento gradual da identidade pessoal, familiar ou nacional.

Metodologia

O projeto de valência pedagógica e investigativa foi desenvolvido em duas turmas de duas escolas urbanas do concelho de Braga (Portugal): primeiro, numa turma do 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico (23 alunos entre os 5 e 7 anos), e, posteriormente, numa turma do 5.º ano do 2.º ciclo do ensino básico (23 alunos entre os 9 e 11 anos).

O presente estudo de natureza qualitativa, assumiu uma abordagem metodológica de investigação-ação, que sustenta a alternância entre tarefas de planeamento, ação e reflexão, sob a orientação de uma atitude ininterruptamente crítica e reflexiva (Elliot, 1996).

A adoção desta abordagem investigativa viabilizou o enraizamento da prática pedagógica numa perspetiva construtivista de aprendizagem (Fosnot, 1996), materializada no modelo de aula-oficina, preconizado por Barca (2004).

Assumindo-se o núcleo investigativo como gerador da ação pedagógica em contexto educativo, definiu-se um objetivo de investigação central, que resulta da convergência de dois objetivos que, a par deste, se explicitam: 1. Aferir a utilização das genealogias como instrumento didático para compreender o passado próximo (pessoal e familiar) ou distante (nacional); 1.1. Analisar como o uso das genealogias pode contribuir para promover o desenvolvimento da compreensão temporal e do conhecimento histórico dos alunos; 1.2. Avaliar o impacto do estudo da família e da genealogia como estratégia para o desenvolvimento da memória (pessoal/histórica), da identidade (pessoal/nacional) e da consciência histórica dos alunos.

Neste sentido, formularam-se duas questões (1.1. e 1.2.) que convergem na formulação de uma questão geradora inicial (1), as quais se explicitam: 1 - Que potencialidades apresenta o uso de genealogias como estratégia de ação pedagógica para a compreensão histórica (passado pessoal e/ou nacional) e temporal?; 1.1 – Que conhecimentos constroem os alunos a partir das genealogias?; 1.2 – De que forma um ensino orientado a partir do uso de genealogias contribui para a construção da identidade (individual, coletiva e nacional) dos alunos e de consciência histórica?

A possibilidade que a utilização de uma metodologia orientada para o uso das genealogias confere ao nível da aquisição gradual de competências transversais e noções estruturantes para o desenvolvimento da compreensão histórica não excluiu, naturalmente, a clara necessidade de adaptar a utilização deste recurso aos anos escolares (1.º ano e 5.º ano) em que se desenvolveu o projeto de investigação e ação pedagógica.

Assim, no 1.º ano de escolaridade, o desenvolvimento do projeto viabilizou, favoravelmente, a estruturação de atividades orientadas para o estudo da história da família, de onde emergiu a hipótese de aferir a possibilidade que o cruzamento de uma série de estratégias pedagógicas confere ao nível da promoção do desenvolvimento da compreensão temporal e histórica, para a qual o desenvolvimento da identidade pessoal e familiar se assume crucial.

Foram, assim, intencionalmente estruturadas atividades pedagógicas, tendo por base referenciais teóricos que atestam a significância de determinadas estratégias e metodologias, que podem ser condensadas em alguns pontos motores de desenvolvimento: a) Identificação formal dos alunos (elementos do cartão de cidadão; data de nascimento associada aos aniversários); b) apresentação de objetos pessoais (importância da narratividade, que evoca a memória pessoal e familiar); c) Ordenação de factos/acontecimentos ilustrados pelos alunos numa linha de tempo; d) Aprendizagem de conceitos: o conceito de *Família* (tipologias de família); e) Desenho do retrato de família; f) Estabelecimento de relações de parentesco (primeiro a relação bionívoca entre duas pessoas e, posteriormente, a multiplicidade de graus de parentesco); g) Análise de uma genealogia; h) construção da sua genealogia; i) Reconhecimento das tarefas domésticas desempenhadas pelos familiares; J) Descoberta da razão pela qual sustentam determinado apelido; K) Ordenação dos familiares, conforme a data do seu nascimento; l) Mudanças e permanências entre o passado e o presente: jogos e brincadeiras.

Já no 5.º ano do 2.º ciclo do ensino básico (CEB), estando o projeto enraizado numa ação pedagógica no âmbito da disciplina da História e Geografia de Portugal, e assumindo-se a necessidade de interligação do mesmo nos dois primeiros ciclos de ensino, a utilização das genealogias foi articulada com a abordagem ao subdomínio *Portugal nos séculos XV e XVI*, definido no programa curricular do 2.º CEB de História e Geografia de Portugal, que contempla o tema da Expansão Marítima Portuguesa.

As atividades realizadas no âmbito do projeto de investigação neste ciclo de ensino podem ser sistematizadas nos seguintes pontos de desenvolvimento: a) Exploração de uma genealogia que incluía alguns reis do período histórico estudado (D. João I a D. Manuel I); b) Exploração de uma linha de tempo com

algumas etapas da expansão marítima portuguesa e sucessão de alguns reis associados à expansão (D. João I a D. Manuel I); c) Redação da biografia de D. João II (consolidação de aprendizagens anteriores); d) Exploração de uma genealogia e de uma linha de tempo (cruzamento de informação presente nos dois recursos); e) Cruzamento da informação presente numa genealogia e num mapa com a rota da viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães.

A metodologia de investigação-ação centrada no modelo construtivista, adotou como técnicas e instrumentos de recolha de dados a observação participante no contexto de sala de aula, a redação de diários de aula, onde se contemplaram gravações áudio e notas de campo, a par dos trabalhos produzidos pelos alunos.

Resultados

Das atividades desenvolvidas ao longo do projeto de intervenção no 1.º ano (1.º CEB), destaca-se a exploração de uma genealogia baseada no filme de animação da *Disney*, "O Rei Leão" (Figura 1), aplicada na segunda sessão de trabalho com a turma. Este recurso acabou por ser motor de uma discussão inicial, aquando a sua projeção, sendo, de seguida, analisado individualmente pelos alunos, a partir de questões presentes numa ficha de registo. Pretendeu-se, assim, aferir a capacidade dos alunos para estabelecer relações de parentesco entre as personagens, e, desta forma, trabalhar e desenvolver algumas noções de tempo.

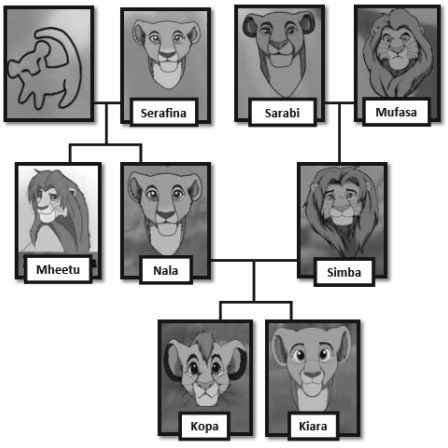


Figura 1- Genealogia baseada no filme de animação da Disney, "O Rei Leão"(Fonte: Elaboração da autora, com base na imagem disponível em https://geekamina.wordpress.com/2013/01/21/arvore-genealogica-do-rei-leao/)

Depois de alguma dificuldade inicial ao nível da enunciação das relações de parentesco presentes na genealogia, os alunos começaram a identificá-las corretamente. Durante esta enunciação, os alunos não evocaram autonomamente aos conceitos "materna(o)" e "paterna(o)", no entanto, quando questionados sobre como poderiam distinguir as duas avós, Serafina e Sarabi (geração mais velha), de Kiara e Kopa (geração mais nova), utilizaram os termos corretamente.

Durante o diálogo foi possível, ainda, aplicar alguns conceitos temporais como "mais antiga", "mais velhos", "mais recente", "mais novos", já que os alunos foram capazes de reconhecer a maior antiguidade da linha superior do esquema genealógico (1.ª geração) relativamente à linha horizontal inferior (3.ª geração). Aqui, foi interessante perceber a capacidade dos alunos para relacionar esta mesma antiguidade com a relação perental existente entre as personagens presentes em cada geração: "(...) são os avós (...)" (DA 21/01/2016[2]).

No que diz respeito a alguns dados obtidos a partir da ficha de registo de interpretação da genealogia, destaca-se a dificuldade mais acentuada ao nível da enunciação das relações simultâneas que uma personagem teria relativamente a outras duas. Por exemplo, o reconhecimento de que Serafina seria simultaneamente, mãe de Nala e avó de Kiara e Kopa.

Por outro lado, salienta-se, ainda, a capacidade dos alunos para o preenchimento de uma alínea da ficha de registo que se julgaria, inicialmente, mais difícil, na medida em que se requere um pensamento mais abstrato por parte dos alunos, (Roldão, 1995) para além de incluírem relações mais difíceis de compreender. Assim, as crianças teriam que completar a seguinte frase: "Se Mheetu tiver filhos, eles serão (primos) da Kiara e do Kopa", sendo que não existindo a representação dos filhos do tio de Kiara e Kopa, vinte alunos, dos vinte e dois que estiveram presentes nesta sessão, selecionaram a opção "primos". Depois desta atividade os alunos construiram a sua genealogía e aplicaram os conceitos aprendidos de "graus de parenteco", "geração", "materno e paterno", etc, reforçando a sua identidade pessoal através desta estratégia com recurso à genealogia.

[2] O Diário de aula (D.A.) é uma das principais técnicas de recolha de dados deste estudo, principalmente no 1.º ciclo, porque permitiu registar de forma detalhada as interações dos alunos nas diferentes tarefas que realizaram.

No que se refere ao 5.º ano do 2.º CEB, apresentam-se, de seguida, dados advindos de uma das atividades enunciadas anteriormente, realizada na penúltima sessão de intervenção no âmbito do projeto que visava a leitura, interpretação e cruzamento de fontes históricas nomeadamente: "Cruzamento da informação presente numa genealogia e num mapa com a rota da viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães." Nesta atividade, os alunos, para a realização desta tarefa em que se lhes perguntava "Em que reinado se concretizou a viagem de Fernão Magalhães? Justifica a tua resposta.", dispunham das seguintes fontes, uma genealogia, cujos dados temporais demarcavam o ano de nascimento e morte de cada elemento representado (a genealogia descendente de D. João I até D. Manuel I- Figura 2) que permitia associar acontecimentos históricos com o reinado da época, e de um mapa que ilustrava a viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães (Figura 3), bem como o ano de início (1519) e fim (1522) da mesma.

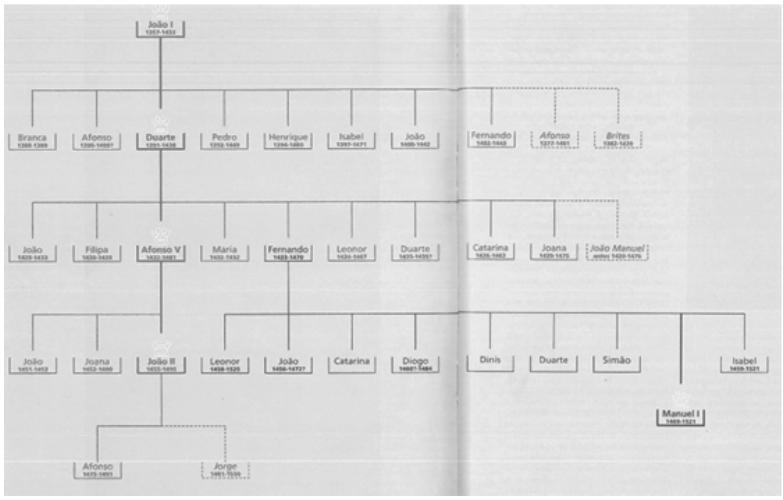


Figura 2. Geneaologia descendente de D. João I até D. Manuel I.

(Fonte: Proença, M. e Pinto, M. (1997). D. João II. Ministério da Educação. Lisboa: Grupo de trabalho para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses)



Figura 3- Mapa com a rota da viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães (Fonte: Cirne, J,; Henriques, M.; Santos, Ar. (2014). Viagens no Tempo 5. História e Geografia de Portugal. Porto: Areal Editores)

Teriam, então, que descobrir em que reinado se teria realizado a Viagem no navegador português, justificando a sua escolha, a partir do cruzamento dos dados temporais presentes nas duas fontes.

Dos vinte e três alunos que realizaram a atividade, dezoito reconheceram a inclusão da viagem de Fernão Magalhães no reinado de D. Manuel I, sendo que todas as justificações fornecidas contemplam apenas o ano de término da viagem (1521): "Foi no reinado de D. Manuel I, porque chegou às Filipinas em 1521."; "Foi no reinado de D. Manuel I, porque Fernão Magalhães fez a viagem até à sua morte (1521) e era D. Manuel I a reinar."; "No reinado de D. Manuel I, porque a sua rota acabou em 1521, quando D. Manuel I morreu"; utilizando-se, em alguns casos, marcadores temporais (cronologia) que traduzem a noção de periodização: "Concretizou a viagem no reinado de D. Manuel I, porque ele governou até ao ano de 1521. E ele descobriu as Filipinas em 1521."; "Foi no reinado de D. Manuel I, porque Fernão Magalhães foi em 1521. E o único rei que governou até esse ano foi D. Manuel I". Todos indicam o reinado de D. Manuel embora acabem por não mencionar o ano de início de reinado. O reconhecimento do reinado de D. Manuel I acabou, também, por resultar numa justificação de um aluno que, para além de considerar o ano que assinalou o fim do reinado de D. Manuel I, acabou por contemplar o ano do seu nascimento, utilizando-o, contudo erradamente, como

marco de início do seu reinado "*Foi no reinado de D. Manuel I, porque ele reinou de 1469 até 1521".*

Por outro lado, alguns alunos forneceram justificações menos válidas, na medida em que invocaram informações relativas a factos e acontecimentos trabalhados em sessões anteriores, mas que não se relacionam com a justificação devida: "No reinado de D. Manuel I porque o filho de D. João II morreu antes de D. Manuel I." (justificação para o facto de D. Manuel I ter assumido o trono depois de D. João II); "Foi D. Manuel I, porque era o único rei que governava no ano de 1500." (ano que assinala a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil). Aqui, provavelmente, acaba por se refletiro não reconhecimento por parte destes alunos de que, quando confrontados com a questão colocada, deveriam recorrer à genealogia e aos dados temporais presentes no próprio mapa para responder à questão.

Releva-se, ainda, a importância de valorizar alguns dados obtidos durante a correção da ficha de registo em grande grupo, na medida em que se pretendeu confrontar os alunos com as justificações dos colegas.

Assim, durante a correção, os alunos justificaram a seleção do reinado de D. Manuel I, como sendo o reinado em que se concretizou a primeira viagem de circum-navegação por Fernão Magalhães: "*No reinado de D. Manuel I. Porque é... aqui tem o reinado de 1495 a 1521.*" (DA 11/05/2016). Neste caso, o aluno também acaba por assumir que o ano "1495" corresponde ao início do reinado de D. Manuel (e não ao seu nascimento). Assim, perceber-se que o aluno se focou exclusivamente neste intervalo de tempo, não o comparando com o ano de nascimento e morte do rei anterior (D. João II). Se tivesse ocorrido este cruzamento de dados temporais, o aluno aperceber-se-ia, assim, que "1495" não poderia corresponder ao início de reinado de D. Manuel I, pois, neste ano, D. João II seria o governate. Por outro lado, o ano de morte deste último representaria, numa situação regular, o início de reinado de D. Mnauel I. Para além disso, solicitou-se a justificação de um aluno que se revelou diferente da ideia dos colegas: "D. Manuel I também morreu em 1521 e, como não diz nem dia nem mês em que morreu o rei, isso podia fazer com que o Fernão Magalhães morresse no reinado de D. João III." (DA 11/05/2016). No caso deste aluno, como aconteceu na generalidade dos casos, também ele acaba por adotar como referência temporal da viagem de circum-navegação o ano de finalização da

mesma, e, assim, quando confrontado com o ano de início da viagem que, sem qualquer dúvida, estaria inserido no reinado de D. Manuel I, o aluno coloca uma hipótese válida que justifique a sua escolha: "Está bem! Mas também podia ter continuado no outro reinado..." (DA 11/05/2016). Verifica-se neste aluno a preocupação de procurar rigor histórico pelo confronto de dados temporais que as fontes veiculam, consideradas como evidências históricas.

Discussão e conclusões

O desenvolvimento do projeto de intervenção e investigação pedagógica, no qual se alicerça este estudo, que teve por base a utilização da genealogia como elemento motriz da planificação e estruturação das atividades pedagógicas, veio confirmar as potencialidades da utilização desta estratégia ao nível da construção de conhecimentos no âmbito da educação histórica.

Assumindo-se como um dos principais objetivos do processo de ensino e aprendizagem em História a formação gradual da consciência histórica, os resultados advindos da implementação das atividades em contexto acabam por demonstrar a possibilidade de fomentar este desenvolvimento, a partir da estruturação de noções temporais que preveem o enlace das três dimensões (passado, presente e futuro) inerentes à própria aprendizagem no âmbito da educação histórica, e, naturalmente, a partir da formação gradual da identidade, seja esta de caráter pessoal, familiar ou nacional.

Esta dependência entre a consciência histórica e a temporalidade espelha-se na afirmação de Rüsen (2016): "as atividades inerentes a esta consciência histórica não deixam o passado tal como ele foi: recordando que certos acontecimentos do passado e a sua ordenação temporal foram tal como foram, eles são elevados para além do seu caráter de passado e ganham atualidade e tensão no futuro." (p.60).

A incitação à compreensão temporal refletiu-se tanto no 1.º como no 2.º ciclo de ensino através, por exemplo, na possibilidade de aplicação de conceitos e vocabulário de tempo (há muito tempo, antigamente, datação, intervalo de tempo, etc.), assim como de conceitos estruturais (causalidade, mudança, progresso,

etc), que, acabam por permitir, direta ou indiretamente, estabelecer conexões significativas entre o passado, o presente e o futuro.

No 1.º ano 1.º CEB, para além da aplicação dos conceitos de tempo anteriormente enunciados, a temporalidade refletiu-se, também, na noção de reversalidade do tempo (Zonabend, 1991), a partir, por exemplo, da exploração da genealogia baseada no filme de animação "O Rei Leão". Aqui, para além de se enunciarem conceitos temporais como "mais antiga", "anterior", "posterior", "mais velhos", "mais novos", e conceitos específicos relacionados com os graus de parentesco diretos e colaterais, acabou por invocar uma abordagem à dimensão cíclica do tempo, através do reconhecimento da possibilidade de uma mesma personagem assumir denominações diferentes: "filho", "pai", "avô", o que é revelador dessa mesma passagem do tempo.

No 5.º ano do 2.º CEB, o desenvolvimento desta noção de tempo, percutiu-se, por exemplo, na relação estabelecida entre os reinados da sucessão de reis presentes nas genealogias exploradas e os factos e acontecimentos associados à época estudada. Aqui, releva-se o facto de se ter incitado o envolvimento dos alunos em tarefas que reclamavam a sua aptência para explorar, analisar, cruzar e discriminar a informação explícita e implícita nas fontes fornecidas.

Na atividade descrita no ponto anterior deste documento, quando confrontados com dois instrumentos distintos (o mapa e a genealogia) e uma questão que pretendia levá-los a servir-se dos dados temporais presentes nos mesmos, grande parte dos alunos reconheceram essa necessidade, enquanto que uma pequena maioria não considerou essa possibilidade.

Ainda assim, relativamente a esta tarefa, apesar de grande parte dos alunos ter sido capaz de situar o acontecimento estudado (viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães) no reinado do respetivo rei (D. Manuel I), alguns deles acabaram por se limitar a atentar aos dados temporais atribuídos a D. Manuel I, confundindo, frequentemente, o ano do seu nascimento com o início do seu reinado.Tal poderia ter sido autonomamente esclarecido, tanto a partir do ano de morte do seu antecessor (D. João II), como a partir de uma genealogia fornecida numa sessão anterior, onde se expunham, não o ano de nascimento, mas o ano de início de reinado e morte de cada monarca. Para além disso, apenas um aluno

foi capaz de problematizar a situação apresentada, reconhecendo que, desconhecendo-se o mês e dia de morte de D. Manuel I, parte da viagem de Fernão Magalhães, cujo término corresponde ao ano de morte de D. Manuel I, também poderia estar temporalmente situada no reinado de D. João III (sucessor de D. Manuel I) já que a concretização da totalidade do trajeto se realizou sem o próprio Fernão Magalhães, que acabou assassinado em Cebu nas ilhas Filipinas em 27 de abril de 1521, tendo a viagem prosseguido com os dezoitos tripulantes do seu navio "O Vitório" que aportou em Sevilha a 22 de maio de 1522, terminando a viagem de circum-navegação ao serviço de Espanha.

Demonstrando-se que os alunos apresentam algumas dificuldades ao nível da interpretação de fontes distintas das fontes textuais, não disseminando a informação presente nas genealogias de forma a realizarem inferências, assume-se a clara necessidade de estruturar, cada vez mais, a realização de atividades pedagógicas que estimulem os alunos a questionar, analisar, refletir e procurar evidências nas próprias genealogias, considerando-as, não como meros elementos ilustrativos, mas como ferramentas potenciadoras de uma real estruturação do conhecimento, neste caso, histórico, tal como é salientado por Solé (2009) e Steel e Taylor (1973).

Aliada a esta noção de tempo, a construção da identidade dos alunos, ainda que, naturalmente, se considere uma formação gradual, emerge, tanto do ponto de vista pessoal e familiar, como nacional, onde se assume a valorização e preservação da memória como ações imprescindíveis para a construção do conhecimento histórico. Como explica Pais (1999) "A consciência histórica transporta também um sentido de continuidade por parte das gerações sucessivas de uma dada unidade cultural, com identidade própria, e comporta ainda memórias partilhadas (…)" (p.22). Esta partilha, por sua vez, permite o acesso ao passado, cujo vínculo ao presente permite a consolidação de uma raíz identitária individual e coletiva, que exalta os atributos necessários para que se possam preservar as semelhanças e, simultaneamente, diferenças que nos caracterizam: "(…) temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza" (Santos, 1999, p. 44).

Referências bibliográficas

Araújo, H. & Stoer S. (1993). *Genealogias nas Escolas: A capacidade de nos surpreender*. Porto: Edições Afrontamento.

Barca, I. (2004). Para uma Educação Histórica de Qualidade. In Isabel Barca (Org.), *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica: Para uma Educação Histórica de Qualidade*. Braga: CIED, Universidade do Minho.

Carvalho, G. & Freitas., M. L. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio.*Luanda: Plural Editores.

Cooper, H. (1995). *History in the Early Years*: *Teaching and Learning in the first three Years of School*. London: Routledge.

Cooper, H. (2002). *Didáctica de la hitoriaen la educación infantil y primaria*. Madrid: Ediciones Morata.

Elliot, J. (1996). *El cambio educativo desde la investigación-acción*. Madrid: Ediciones Morata.

Fosnot, C. (1996). *Construtivismo e Educação. Teoria, perspetivas e práticas.* Lisboa: Piaget Editora.

Manique, A. & Proença, M. (1994). *Didática da História: Património e História Local.* Lisboa: Texto Editora.

Pais, J. (1999). *Consciência Histórica e Identidade: os jovens portugueses num contexto europeu*. Oeiras: Celta Editora.

Roldão, M. (1995). *O Estudo do Meio no 1.º Ciclo. Fundamentos e Estratégias.* Lisboa: Texto Editora.

Rüsen, J. (2016). *Contribuições para uma Teoria da Didática da História*. Curitiba: W. A. Editores.

Santos, B. (1999). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Afrontamento.

Solé, G. (2005). A Genealogia como estratégia de ensino-aprendizagem do tempo histórico no 1.º Ciclo. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación. Galician-Portuguese Journal for the Study of Psychology and Education*, *2005,* 349-362.

Solé, G. (2009). *A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico: a Concepção do Tempo e a Compreensão Histórica das crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento*. (Tese de Doutoramento, Ramo de Estudos da Criança, Área de Estudos do Meio Social). Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança.

Steel, D. & Taylor, L. (1973). *Family History in Schools.* London: Philimore.

Vianez, M. (1995). *Genealogias e interação escola-comunidade. Projeto de investigação – ação em Selho S. Lourenço*. Departamento de ciências da Educação. Braga: CEFOPE-Universidade do Minho.

Zonabend, F. (1991). *A memória familiar - do individual ao colectivo. Sociologia - Problemas e Práticas*, *9*, 179-190.